

Demos hoje mais um passo na nossa tentativa de caracterizar os traços fundamen-
 tais do pensamento existencial, cujos aspectos ontológicos e éticos procuramos
 discutir nas duas últimas segundas feiras. O passo que tenho em mente aponta a
 região daquilo que a filosofia tradicional chama de "estética", mas que assume
 um significado novo no presente contexto. Para isto sugiro que partamos nova-
 mente do dado fundamental que é o nosso estar aqui agora. No nosso caso o estar
 aqui agora significa existir em São Paulo na segunda metade do século vinte. Ve-
 jamos alguns aspectos dessa situação determinada geograficamente pelo termo "São
 Paulo", e historicamente pelo termo "segunda metade do século vinte".
 A cidade de São Paulo, dentro da qual fomos lançados, a qual nos determina par-
 cialmente, e contra a qual devemos projetar-nos para sermos autenticamente nós
 mesmos, é, como diz o chavão da conversa fiada, "o maior centro industrial da
 América Latina". Diversos fatores de análise difícil se conjuraram para resul-
 tar numa aglomeração de milhões de seres do ~~tipo~~ ^{genero humano} de todas as raças num plan-
 alto subtropical de um continente até recentemente quase despovoado. As corren-
 tes heterogêneas que confluíram para o planalto longínquo foram fundidas em mas-
 sa amorfa por um processo de amalgamação que ainda está em curso. A considera-
 ção desse fenômeno é dificultada por dois momentos: fazemos parte desse processo
 e somos por ele parcialmente determinados. É uma série de poses e insincerida-
 des grandiloquentes se entropõem entre nós e esse processo, cuja síntese se ar-
 ticula na frase chavão: "capital bandeirante". Uma consideração fenomenológica
 do fenômeno São Paulo exigiria de nós um esforço duplo: deveríamos elevar-nos sob-
 re a situação dentro da qual nos encontramos, e deveríamos pôr em parêntese todo
 esse pseudo-conhecimento que a conversa fiada acumulou em nossas mentes. Este
 esforço está ainda por ser feito. Ainda não foi feita, de acordo com o que me
 consta, nenhuma tentativa de considerar São Paulo fenomenologicamente. Que esta
 observação sirva de incentivo para a vontade criadora dos Senhores. O que pre-
 tendo expôr aos senhores é um leve esboço da direção na qual, a meu ver, uma tal
 consideração fenomenológica deverá desenvolver-se.
 A planície na qual São Paulo se situa é singularmente isenta daquele atrativo in-
 tangível de certas cenas naturais que se chama "encanto". É uma paisagem singular-
 mente tediosa. Não podemos imaginar, numa paisagem assim, o surgir de projetos
 existenciais como aqueles que por exemplo surgem no deserto sináico ou nas ilhas
 jônicas ou nos vales do Himalaya. Sobre essa paisagem tediosa a massa amorfa de
 imigrantes e colonizadores imprime um amontoado caótico de instrumentos. Há uma
 certa correspondência entre a feiura da paisagem e a feiura da cidade que sobre
 ela surge. Não há esta tensão entre paisagem e cidade que por exemplo caracteri-
 za o Rio. Uma análise da mentalidade paulistana, se comparada com a mentalidade
 carioca, deveria revelar esse fato. As praias e as montanhas cariocas são um con-
 vite diario para uma revolta contra as solicitações febris e febris da cidade mo-
 derna. O tédio das nossas colinas forma um pano de fundo adequado ao ritmo mecâ-
 nicamente inerte da nossa cidade. Estamos em paisagem ideal para o estabelecimen-
 to de uma sociedade tecnológica no sentido moderno do termo. Não há, por assim
 dizer, natureza a ser combatida, a tão sómente natureza a ser transformada.
 Neste sentido podemos dizer que não fomos lançados em meio de natureza, mas tão só
 MENTE EM MEIO de instrumentos. O mundo da tecnologia é a nossa natureza, num sen-
 tido muito mais radical que no Rio de Janeiro. E isto é uma das razões porque a

massificação está aqui mais adiantada. Há, é verdade, uma frágil tendência para uma estratificação da sociedade, tendo a cronologia por base. O topo da hierarquia seria representado pelos descendentes daqueles que colonizaram a planície há quatrocentos anos, e base da pirâmide pelos imigrantes recentes. Mas essa estratificação aristocratizante está sendo constantemente diluída pela ação corrosiva do funcionamento nivelador da cidade. Uma hierarquia autentica é a divisão da sociedade em camadas, da qual cada uma representa um projeto existencial com seus valores, e o sistema de castas na Índia é um exemplo do seu funcionamento. Se fosse autentica a hierarquia paulistana, os descendentes dos imigrantes de quatrocentos anos atrás representariam um projeto existencial que seria o desenvolvimento dos valores portugueses renascentistas. Como camada mais elevada, daria esta, aristocracia um cunho à sociedade toda, que seria por isto uma sociedade latina. Mas o fenómeno São Paulo desmente desmente essa esquematização abstrata. São Paulo como o conhecemos não tem 400 anos, mas quaranta. O núcleo supostamente germinal foi absorvido, e os supostos fundadores são lançados em meio que lhes é quase tão estranho quanto o é ao imigrante recente. A civilização que está surgindo aqui não deve muito mais a esses fundadores de que às ondas sucessivas, e todas elas recentes, de imigrantes. A consequência disto é aquele cunho cosmopolita que caracteriza São Paulo. É um cosmopolitismo provinciano. Afastados dos grandes centros da humanidade, relegados para uma espécie de exílio espiritual, que as facilidades de transporte acentuam em vez de aliviar, somos relegados com efeito em grande parte a nossa própria improvisação, ao nosso palpite. Somos produtos de amálgama de influências heterógenas e afastadas do centro, e as nossas soluções são chutadas. Daí o caráter caótico e diletante de tudo aquilo que estamos fazendo. É esse caráter inorgânico dos nossos esforços contribui para aumentar a feiura da nossa cena.

A massificação e o caráter de improvisação e do provisório caracterizam o nosso clima. É um clima no qual diferenças se diluem e posições se afrouxam. O nosso cosmopolitismo dilui a casca dos preconceitos e derruba posições preconcebidas. Somos uma das poucas sociedades que partem praticamente de uma estaca zero, embora num nível adiantado no processo histórico do qual, a despeito de tudo, participamos. Nadamos, embora provincianamente, na correnteza do tempo e estamos, nós também, na segunda metade do século vinte. Tratei, na última segunda feira, dessa correnteza, e chamei este processo de "progresso". Também nós, aqui em São Paulo, progredimos. Mas é preciso considerar que esse processo é automaticamente e geométricamente acelerado. Essa automação e esse caráter geométrico do progresso garante que sociedades mais progredidas evoluem mais depressa que sociedades menos progredidas. A diferença de avanço que nos separa das sociedades soít disent evôluidas cresce com o decorrer do tempo, e somos portanto relativamente sempre mais, subdesenvolvidos. Este fato é mascarado pelo progresso absoluta que presenciamos. Mas o contato fácil com os centros da humanidade põe em evidência esse fato. É por isto que disse que a facilidade de transportes acentua o nosso isolamento. A consciência mais ou menos desperta desse nosso atrazo crescente em comparação com as pontas do progresso pesa sobre a nossa situação e age como fermento. O isolamento no qual nos encontramos é relativo. Obuzes da artilharia dos grandes centros detonam constantemente sobre nós, e detritos do seu processo metabólico caem constantemente sobre nós qual meteoritos. Este bombardeio constante ao

qual estamos expostos evita que a nossa forma dê ser se cristalice. Desta maneira participamos passivamente da grande correnteza chamada "civilização do Ocidente". Mas dada a nossa plasticidade amorfa não oferecemos resistência apreciável a estas influências, não entramos em conversação com elas. Assimilamos facilmente tudo o que der e vier, sem procurar dar-lhe forma. As influências externas servem apenas a acentuar o nosso eclectismo amorfo e evitam que estagnemos. Somos, como sociedade, uma massa amorfa determinada por influências alheias. Não temos, como sociedade, liberdade no sentido existencial da palavra. Não somos chamados a tomar decisões, e as decisões são tomadas por nós alhures. Progredimos, é verdade, mas esse nosso progresso é determinado por vectores dinâmicos que sobre nos agem de fóra. Somos, como sociedade, uma massa de gente, e todas essas palavras grandiloquentes de independência, soberania, autodeterminação etc. não passam de conversa fiada. Somos uma sociedade que não tem existência autêntica, já que presa de chavões e juguete de decisões alheias.

Pintei propositadamente a nossa situação em cores carregadas de negro. E, propositadamente também, destaquei a nossa situação daquela mais geral, comumente chamada "realidade brasileira". Considerarei primeiro o segundo propósito para limpar o caminho do meu argumento. Em nossas tentativas de tomada de consciência, primeiro passo para uma decisão existencial, encontramos em nosso redor uma situação que se oferece, insistentemente, a ser concebida em gavetas pre-fabricadas. No nosso caso a situação se oferece, insistentemente, a ser concebida como "realidade brasileira". Devemos desconfiar, a priori, dessa oferta. Se a análise existencial for válida, ela deve partir da minha circunstância imediata e progredir excentricamente. São as coisas próximas que devem ser analisadas primeiro. A consideração de uma circunstância tão vasta como a é a brasileira, convida para a conversa fiada, e evita uma autêntica tomada de consciência de mim mesmo. Creio que a cidade dentro da qual existimos é o máximo da circunstância que podemos abarcar existencialmente. A consideração da circunstância mais ampla, a começar pelo Brasil e a terminar talvez pelas galáxias, será um movimento subsequente e posterior a decisão existencial a ser tomada. Somente assim poderemos tentar evitar a queda vertical da demagogia e no gesto vazio. É por isto que limitei, propositadamente, a nossa situação à nossa cidade.

Pintei essa situação com tintas pessimistas, para provocar o clima imediatamente anterior à tomada da consciência, a saber o clima do nojo. A situação, tal como a descrevi, é nojenta. Apelo, na elucidação desse clima, para a análise sartriana. Ao discutir o ser em si, ("être en soi"), diz ele que esta forma de ser é aquela das coisas que perfazem a situação na qual me encontro. As coisas são em si, isto é cheias de si mesmas e portanto opacam para si mesmas. Nesta sua plenitude de ser estão demasiadamente diante da minha mão, me enchem. São demasiadamente coisas e causam em mim aquela vontade de vomitar que chamamos nojo. A não ser que eu também seja cheio de mim mesmo, um sujo, ("salaud"). Neste caso me deixarei prednar pelas coisas pegajosas e não sentirei nojo. Mas como existência autêntica sou defeituoso, não sou cheio de mim mesmo, mas estou invadido pelo nada. É devido a essa vacuidade e por essa vacuidade que tenho vontade de vomitar ao encarar as coisas nojentas. E dessa vontade nasce a minha decisão de projetar-me contra as coisas.

Não sei se Sartre distingue entre situações mais ou menos nojentas. Mas é óbvio que esta distinção deve ser feita. Se fôr lançado dentro de um pote de mel a minha situação será mais nojenta do que ser fôr lançado ao fogo. No primeiro caso o mel se infiltrará em mim por todos os poros e tornará impossíveis os meus movimentos pela sua massa pegajosa. Se eu fôr um sujo passarei a minha existencia lambendo os dedos. Mas se eu sentir nojo, algo em mim se revoltará e neste movimento poderei libertar-me do pote. No segundo caso as chamas que me queimarão provocarão em mim todas as minhas forças, e não necessitarei de uma decisão difícil e íntima para procurar sair da situação na qual me encontro. Pois procurei pintar a nossa situação de modo que o paralelo com o pote de mel seja permitido. É verdade que deformei no meu esboço a nossa situação, já que suprimi quase todos os seus aspectos positivos. Por exemplo o fato de estarmos aqui agora nesta sala discutindo a nossa situação e procurando modificá-la. E tomarei esta nossa presença aqui como ponto de partida do meu argumento.

Se consultados sobre os motivos que fizeram com que estejamos reunidos nesta sala daremos talvez respostas divergentes. Mas se formos a analisar esses motivos alegados, descobriremos um fundamento comum a todos: a saber a vontade de rasgar uma abertura na muralha que a situação estabelece em nosso redor para asfixiar-nos. No fundo é o desejo de superar a situação na qual estamos. E porque queremos superar a nossa situação? Porque ela é nojenta, é insuportavelmente feia. O que acabo de dizer equivale à afirmativa que o nosso primeiro movimento que resultará em tomada de consciência e decisão existencial é um movimento contra a feiura da situação, que o nosso primeiro motivo é estético portanto. É a revolta estética que nos eleva sobre a nossa situação e faz com que existamos autenticamente. Não são primariamente considerações éticas ou epistemológicas que motivam a nossa revolta. É primariamente a nossa revolta contra a feiura que faz com que nos projetemos contra a situação na qual estamos.

Esta minha afirmativa pode chocar os senhores. Muitos podem afirmar que são motivos éticos que os propõem a procurar agir sobre o mundo. Motivos por exemplo políticos e religiosos. Outros podem afirmar que a sua presença nesta sala é motivada por curiosidade, pela vontade de apreender, ou de ouvir coisa nova. Que se trata de um motivo teórico e epistemológico portanto. Poucos concordarão primeiramente que estão aqui em busca de beleza. O que estou afirmando é que os motivos éticos e teóricos são secundários aos motivos estéticos, e que decorrem destes. A fim de tornar um pouco mais plausível a minha afirmativa, peço que considerem o que o termo "estético" significa. Vem do termo "aistheton" que significa vagamente vivência, aquilo que a língua alemã chama de "Erlebnis". Quando me encontro a mim mesmo, encontro uma situação ao meu redor como minha vivência, isto é a minha situação é experimentada por mim esteticamente. Se aceito esta vivência, se me acomodo a ela, se não me repugna, nunca superarei a situação na qual me encontro. Mas se sentir repugnância estética, se a minha situação me causar nojo, poderei libertar-me.

Muitos na situação que nos cerca, muitas das nossas coexistências, sentem essa repugnância que estou descrevendo. Racionalizam essa sua repugnância e afirmam que estão empenhados éticamente ou teoricamente. Eu próprio procuro racionalizar assim a minha atitude. Mas em momentos de honestidade devo admitir que são primariamente motivos estéticos que fazem com que me rebele. Os engagements políticos,

religiosos

religiosos e teóricos que caracterizam as nossas tentativas de projetar nos são portanto existencialmente menos interessantes. O que interessa é este movimento de repugnância que a contemplação da cena paulistana em nós provoca. É este movimento de repugnância é sintoma de um despertar, é como a primeira dor de parto. O nojo que estamos sentindo da situação paulistana é o primeiro movimento de uma nova cultura, Participamos desse primeiro movimento e somos portanto, de certa forma, já participantes do futuro. Por sermos paulistanos, já não estamos, de certa forma, aqui agora.

A cultura que se prepara a irromper da massa informe e nojenta que é a situação paulistana pode ser pressentida, mas não pode ser descrita. Está ainda, quase toda, no limbo das potencialidades. Mas podemos já delinear algumas das características que a distinguirão das civilizações cansadas das quais brota. Será um lotus que nasce do lodo. Será uma superação da civilização tecnológica, porque nascerá em rebeldia contra ela. Será uma cultura sincretica e relativamente pouco preconceituada, porque nascerá de influências variadas e dissolvidas. Não será uma cultura ocidental no sentido restrito do termo, porque fortes correntes negras e orientais dela participarão de forma decisiva. Mas num sentido mais amplo será ocidental, porque o seu veículo será a língua portuguesa, embora em forma modificada. Estabelecerá em seu redor um novo tipo de realidade. O próprio isolamento da nossa situação, e o atrazo crescente das nossas formas em comparação com o resto do Ocidente contribuirão para o nascimento de uma nova personalidade. O nosso vício de improvisar, de chutar e de confiar no palpite será a garantia da nossa originalidade. Algó de novo está nascendo aqui agora.

Se formos ampliar um pouco o campo da nossa visão e procurarmos abarcar a cena da atualidade, encontraremos poucos lugares nos quais um processo como aquele que estou descrevendo está acontecendo. Talvez no México esteja acontecendo algo de parecido. Creio que não devemos menosprezar o processo pelo simples fato de estarmos participando dele. Tanto nos dizem sobre as modificações radicais que estão se processando nos Estados Unidos e na União Soviética, e dizem que essas modificações apontam o futuro. Por serem esses dois países os centros atuais das decisões, não podemos negar a importância desses acontecimentos. Mas se os observarmos mais de perto, não se comparam em radicalidade com o que está acontecendo aqui agora. Os acontecimentos nesses dois países desenvolvidos são perfeitamente previsíveis. Não nascem da rebeldia do nojo, mas são frutos do progresso automatizado, Acabarão conquistando Marte ou distribuindo as fontes de produção racionalmente. Mas aquilo que está acontecendo aqui não pode ser previsto. É um novo projeto existencial que está se formulando.

Não poder ser previsto: isto significa que perfeitamente pode dar em nada. As dores de parto que estamos sofrendo podem resultar perfeitamente em aborto. As nossas tentativas de projetarmos uma nova forma de existir podem estagnar, ou transformar-se em fugas. A massa pegajosa que nos cerca pode pegar nos de novo e transformar nos de novo em funcionários do progresso. Voltaríamos a ser um fenômeno periférico e nojento da correnteza geral que arrasta a humanidade rumo ao abismo do paraíso da tecnologia. Mas poderemos também transformar a nossa situação aqui agora em posto avançado de algo novo. Depende de nós, de cada um de nós, em que dará o presente processo. E por sermos relativamente pouco numerosos, a decisão de cada um de nós pesará na balança. É esta a consideração que torna tão aventu-

10
nossa a nossa existencia atualmente em São Paulo. As análises cansadas e desiludidas às quais os pensadores europeus submetem a sua realidade não nos dão diretamente respeito. Para podermos utilizá-las, devemos reformulá-las para que se adaptem a nossa situação que é atípica e extrema. Devemos deixar de aceitar passivamente as influências que nos vêm de fóra, e devemos começar a conversar e dialogar com elas. Desta forma superaremos o existencialismo.

O nojo que a situação que nos cerca provoca em nós é o berço de um novo mundo. Mas isto não torna a nossa situação menos nojenta. O fato de termos a esperança que a Praça da Sé poderá ser um dia palco de acontecimentos novos não embeleza a Praça da Sé nem a torna menos repulsiva. O fato de sentirmos brotar da nova geração uma nova maneira de ser e novos valores não transforma essa nova geração em bandeirantes da beleza. Continua bem nojentinha. Não é portanto apenas aventura existir aqui agora. A nossa decisão deve residir justamente no aceitar dessa nossa situação repulsiva como repulsiva, sem procurar disfarçar a sua feiura, para podermos mais decididamente modificá-la. Não é o momento de estarmos satisfeitos com algo daquilo que nos cerca. Não é o momento de falarmos em capital bandeirante nem nos outros chavões que por aqui pululam. É o momento de dizermos vigorosamente não a tudo isto. Nessa nossa capacidade de dizer não reside a nossa abertura para o futuro. Enquanto sentirmos nojo de tudo aquilo resta a esperança que tudo isto se modificará e atestará futuramente a nossa passagem pelo lamaçal no qual nos encontramos. Nisto reside a nossa esperança para a nossa imortalidade.